

Relações entre Conjugalidade, Parentalidade e Coparentalidade em Famílias com Crianças: Uma Revisão Sistemática

Daiana Quadros Fidelis*¹

Orcid.org/0000-0001-7532-8279

Marina Heinen¹

Orcid.org/0000-0001-9362-2295

Clarisse Pereira Mosmann¹

Orcid.org/0000-0002-9275-1105

Denise Falcke¹

Orcid.org/0000-0002-9275-1105

Jeferson Rodrigo Schaefer¹

Orcid.org/0000-0002-7613-2902

¹*Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil*

Resumo

A chegada de um filho inaugura os subsistemas parental e coparental, os quais, juntamente com o conjugal, podem ser influenciados mutuamente. Diante disso, objetivou-se compreender como a relação entre os subsistemas conjugal, parental e coparental em famílias com crianças tem sido abordada na literatura científica em famílias com crianças. Uma revisão sistemática da literatura foi conduzida nas bases Pubmed, Web of Science, Ebsco, Scielo, Lilac e PsycInfo considerando os anos de 2015 a 2020. Realizou-se uma análise descritiva para apresentar os objetivos, delineamento, participantes e os resultados dos estudos. A partir da análise temática, classificou-se os artigos em seis categorias: Parentalidade, coparentalidade e qualidade conjugal; Qualidade conjugal: repercussões na coparentalidade e parentalidade; Coparentalidade e parentalidade: repercussões na qualidade conjugal; Qualidade conjugal, parentalidade e coparentalidade: repercussões nos sintomas das crianças; Sintomas das crianças e suas repercussões na qualidade conjugal, parentalidade e coparentalidade, e Influências recíprocas entre conjugalidade, parentalidade, coparentalidade e sintomas das crianças. Destaca-se a importância de intervenções para compreender e orientar o sistema familiar, assim como as variáveis individuais que permeiam a relação entre os subsistemas.

Palavras-chave: coparentalidade, parentalidade, conjugalidade, qualidade conjugal, crianças.

* Correspondência: Av. Unisinos, 950, Bairro Cristo Rei, São Leopoldo, RS, Brasil. CEP: 93.022-750. PPG de Psicologia. Fone: (51) 99217 8391. fidelisdaiana@gmail.com.

Relationships between Conjugality, Parenting and Coparenting in Families with Children: A Systematic Review

Abstract

The birth of a child inaugurates the parental and coparental subsystem, which, together with the marital one, can be mutually influenced. Therefore, the objective was to understand how the relationship between the marital, parental and coparental subsystems in families with children has been addressed in the scientific literature in families with child. A systematic literature review was conducted in Pubmed, Web of Science, Ebsco, Scielo, Lilac and PsycInfo databases considering the last 5 years. A descriptive analysis was performed to present the objectives, design, participants and results of the studies. From the thematic analysis, the articles were classified into five categories: Parenthood, coparenting and marital quality; Marital quality: reflections on coparenting and parenting; Coparenting and parenting: repercussions on marital quality; Marital quality, parenting and coparenting: reverberations in children's symptoms; Symptoms of children and their expressions in marital quality, parenting and coparenting, and Reciprocal influences between conjugality, parenting, coparenting and children's symptoms. The importance of interventions to understand and guide the family system is highlighted, as well as the individual variables that permeate the relationship between the subsystems.

Keywords: coparenting, parenting, conjugality, marital quality, children.

Relaciones entre Conyugalidad, Parentalidad y Coparentalidad en Familias con Niños: Una Revisión Sistemática de la Literatura

Resumen

La llegada de un hijo inaugura los subsistemas parental y coparental, los cuales, junto con el conyugal, pueden influirse mutuamente. Por lo tanto, el objetivo fue comprender cómo se ha abordado en la literatura científica la relación entre los subsistemas conyugal, parental y coparental en familias con niños. Se realizó una revisión sistemática de la literatura en Pubmed, Web of Science, Ebsco, Scielo, Lilac y PsycInfo considerando los últimos 5 años. Se realizó un análisis descriptivo para presentar los objetivos, diseño, participantes y resultados de los estudios. Con base en el análisis temático, los artículos fueron clasificados en seis categorías: Parentalidad, coparentalidad y calidad conyugal; Calidad marital: reflexiones sobre coparentalidad y crianza; Coparentalidad y parentalidad: repercusiones en la calidad marital; Calidad marital, crianza y coparentalidad: reverberaciones en los síntomas de los niños; Los síntomas de los niños y sus expresiones en la calidad conyugal, la crianza y la coparentalidad, y las influencias recíprocas entre la conyugalidad, la crianza, la coparentalidad y los síntomas de los niños. Se destaca la importancia de las intervenciones para comprender y orientar el sistema familiar, así como las variables individuales que permean la relación entre los subsistemas.

Palabras-clave: coparentalidad, paternidade, conyugalidad, calidad marital, niños.

O nascimento de um filho gera uma crise no ciclo de vida familiar em que faz-se necessário a adaptação a um novo estágio do ciclo vital que tem por objetivo aceitar um novo membro no sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995), podendo suscitar alterações no sistema conjugal

(Carter & McGoldrick, 1995). A conjugalidade, definida como o relacionamento entre duas pessoas através da satisfação de necessidades psicológicas e apoio mútuo (Minuchin, 1990), precisa abrir espaço para o subsistema parental. Esse subsistema abarca a parentalidade, a

qual se define pelo envolvimento de um dos cuidadores no asseguramento da sobrevivência e desenvolvimento da criança (Féres-Carneiro & Magalhães, 2011).

Frente a esse evento, os membros do casal utilizam diferentes estratégias que podem indicar como será a vivência desta etapa desenvolvimental em termos de qualidade conjugal e parental bem como seus impactos na prole (Mosmann & Falcke, 2011). A literatura aponta que a satisfação conjugal pode repercutir no exercício do papel parental (Goetz et al., 2019; Hameister et al., 2015; Hartley et al., 2018; Mosmann et al., 2018). Os casais que priorizam o uso de estratégias construtivas como compreensão e suporte mútuo para resolver conflitos da conjugalidade, por exemplo, estão inclinados a ter maior percepção de qualidade do relacionamento conjugal e impacto positivo no ambiente familiar e saúde mental dos filhos (Mosmann et al., 2018). O inverso também é verdadeiro, ou seja, as demandas relacionadas ao nascimento do filho e ao exercício da parentalidade, especialmente com filhos pequenos, também podem influenciar o nível de satisfação conjugal, por exemplo, quanto maior a aliança entre os pais, maior a satisfação e proximidade entre o casal (Hameister et al., 2015; Silva & Lopes, 2012; Teves, 2008; Tissot & Falcke, 2017).

Um outro conceito importante do sistema familiar diz respeito à coparentalidade, definida como um subsistema que inclui dois ou mais adultos que dividem a parentalidade em relação à uma criança. Esse subsistema baseia-se quatro dimensões: acordo ou desacordo nas práticas parentais, divisão do trabalho relacionado à criança, suporte/sabotagem do papel coparental e gestão conjunta das relações familiares (Feinberg, 2003). A literatura refere que, quando há desacordos no subsistema coparental pode ocorrer maior competitividade entre os pais e impacto significativo em sintomas clínicos dos filhos, além de baixa cooperação e conflitos familiares (Mosmann et al., 2017; Mosmann et al., 2018; Murphy et al., 2016).

Reforçando esses achados, a literatura aponta que há um transbordamento da dinâmica relação estabelecida entre o casal progenitor para a parentalidade e vice-versa, denominado *spillover* (Erel & Burman, 1995). Assim, o nível de qualidade do relacionamento conjugal pode refletir em consequências positivas ou negativas no exercício do papel de pais e, também no desenvolvimento dos filhos (Hameister et al., 2015; Mosmann et al., 2017; Mosmann et al., 2018; Stroud et al., 2015). Um exemplo dessa relação é a associação entre má resolução de conflitos conjugais e o uso de práticas parentais hostis e inconsistente e a presença de prejuízos na saúde mental dos filhos (Hameister et al., 2015; Mosmann et al., 2017; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

Percebe-se assim, que conjugalidade, parentalidade e coparentalidade são sistemas que se interrelacionam e podem exercer papel de proteção ou risco para a saúde familiar, práticas parentais e desenvolvimento dos filhos (Böing & Crepaldi, 2016; Silva & Lopes, 2012). Diante disso, a presente revisão sistemática da literatura tem como relevância científica compreender como a relação entre os subsistemas conjugal, parental e coparental em famílias com crianças tem sido abordada na literatura científica em famílias com crianças. Acredita-se que o mapeamento atual da literatura sobre essas relações entre os diferentes subsistemas familiares pode contribuir para o avanço dos estudos sobre a complexidade das relações familiares. Além disso, poderá auxiliar terapeutas de crianças e famílias na compreensão de sintomas infantis que possam estar associados à dinâmica familiar.

Método

A revisão foi realizada conforme as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis* (PRISMA) (Moher et al., 2009). As buscas por artigos foram realizadas no mês de Novembro de 2020 por duas juízas. As bases consultadas foram PUBMED, WEB OF SCIENCE, EBSCO, Scielo, LILACS e PsycINFO. Os descritores utilizados

foram *coparent** AND “*marital relation**” AND *parent** AND *child** no idioma inglês. Nas bases Scielo e Lilacs também buscou-se os descritores no idioma português e espanhol.

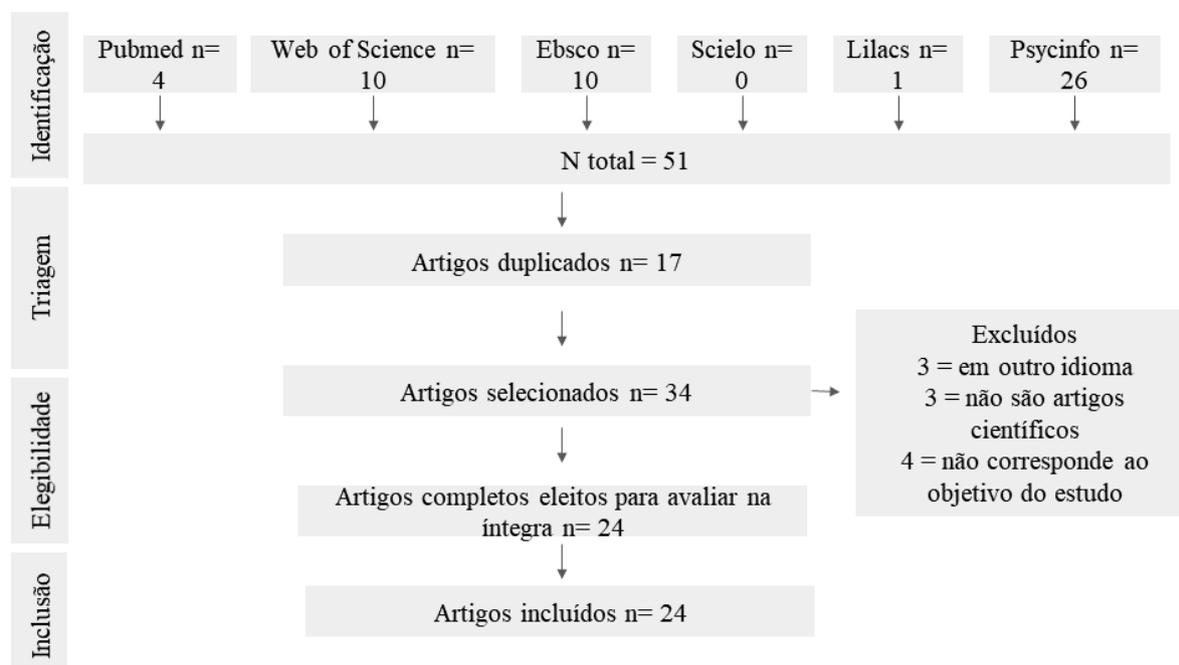
Realizou-se a leitura dos títulos e resumos dos 51 materiais encontrados. Na seleção dos artigos, foram adotados como critérios de inclusão: artigos científicos indexados nas bases selecionadas, escritos nos idiomas português, inglês e espanhol e publicados nos últimos 5 anos, ou seja, entre janeiro de 2015 e novembro de 2020. Entre os critérios de exclusão estavam:

livros, capítulos, resenhas, resumos de anais de congressos, cartas, obituários, editoriais, notícias, dissertações e teses. Além disso, excluiu-se materiais que a temática estava distante do objetivo do estudo ou que não respondessem suficientemente à pergunta norteadora, sem acesso livre e duplicados.

O fluxograma, disponibilizado na Figura 1, apresenta o processo de busca e seleção dos artigos. Na busca realizada, identificou-se 51 artigos e, após seleção, 24 artigos compuseram a presente revisão.

Figura 1

Fluxograma conforme PRISMA



Análise de Dados

A partir dos artigos incluídos foi realizada uma análise descritiva para identificar os objetivos, delineamento, participantes, país e os resultados encontrados nos estudos. Posteriormente, foi utilizado o método da análise temática (Braun & Clarke, 2006) para responder ao objetivo deste estudo que é compreender como a relação entre os subsistemas conjugal, parental e coparental tem sido abordada na literatura científica em famílias com crianças. Assim, os 24 artigos eleitos para integrar a presente revisão foram lidos na íntegra por três juízes.

Anotou-se as principais temáticas abordadas e, após, discutiu-se sobre a congruência dos temas levantados que deram origem às seis categorias a serem explicitadas a seguir.

Resultados e Discussão

Caracterização dos Estudos

A caracterização dos artigos, como autores, objetivos e amostra, pode ser conferida na Tabela 1. Conforme os dados, o ano que conteve maior número de publicações (n=8) é relativo a 2017, seguido de 2019 (n=6). Em relação ao país, a

Tabela 1
Caracterização dos Estudos Incluídos

Autores	Ano	Objetivo
Chan & Leung	2020	Examinar a associação entre os sintomas de criança com autismo e conflitos conjugais dos pais
Hosokawa & Katsura	2017	Examinar as relações entre conflitos conjugais, desenvolvimento de habilidades sociais em crianças pré-escolares e práticas parentais.
Valdez & Martinez	2019	Compreender as experiências dos pais diante da depressão materna
Latham et al.	2017	Investigar as percepções sobre a coparentalidade como moderadoras de associações entre a educação coercitiva e os problemas de comportamento dos filhos.
Cava-Tadik et al.	2020	Examinar as associações da satisfação no relacionamento conjugal antes e após o nascimento do bebê.
Latham et al.	2019	Explorar as associações entre as percepções dos pais sobre a qualidade da coparentalidade e do relacionamento conjugal durante a transição de crianças gêmeas para a escola primária.
Richardson & Futris	2019	Explorar as associações entre o estresse parental, qualidade do relacionamento do casal e da coparentalidade em pais adotivos.
Souza & Crepaldi	2019	Identificar associações entre relacionamento conjugal, coparental e os problemas emocionais e comportamentais de crianças.
Young et al.	2017	Examinar as influências recíprocas de estilo de apego dos pais, ajustamento conjugal e aliança coparental
Chen et al.	2017	Examinar as relações de variáveis parentais e envolvimento dos pais na educação e nos resultados escolares das crianças
Schrodt & Afifi	2019	Examinar as relações e acordos entre os pais sobre os filhos como mediadoras da comunicação coparental e a qualidade da relação conjugal
Jessee et al.	2018	Examinar associações entre função reflexiva, qualidade conjugal e coparental de casais.
Zemp et al.	2017	Analisar se a mudança no enfrentamento diádico dos casais prevê a trajetória do conflito de coparentalidade
Gallegos et al.	2017	Avaliar como as interações familiares durante a transição para a parentalidade contribuem para o desenvolvimento da regulação emocional das crianças
Peltz et al.	2016	Examinar as relações entre os problemas de sono das crianças, satisfação no relacionamento conjugal, cooperação coparental e funcionamento familiar
Williamson & Johnston	2016	Examinar as relações entre sintomas do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e funcionamento conjugal e coparental

Christopher et al.	2015	Examinar mudanças na qualidade conjugal na transição para a paternidade como preditores da coparentalidade e envolvimento dos pais na criação dos filhos
Stroud et al.	2015	Examinar se a parentalidade diádica e triádica são mecanismos que ligam o sistema conjugal ao ajustamento dos filhos.
Williams et al.	2015	Investigar como as dificuldades econômicas afetam os pais, a relação entre pai e filho e a relação entre os pais
Thomassin et al.	2017	Examinar o papel do afeto coparental na desregulação emocional das crianças
Favez et al.	2016	Avaliar se senso de competência e crenças sobre os papéis parentais influenciam a coparentalidade e o envolvimento da criança em interações triádicas
Epstein et al.	2015	Explorar os padrões de mudança nos níveis de conflitos de casais
Berryhill	2017	Examinar a associação entre apoio na coparentalidade e o envolvimento de mães e pais biológicos em casa e na escola.
Mollborn & Jacobs	2015	Contextualizar a experiência da coparentalidade entre pais adolescentes.

maior parte dos estudos (n=15) é proveniente dos Estados Unidos da América. Apenas um refere-se a um estudo do Brasil.

De acordo com os artigos selecionados para a presente revisão, foi possível identificar a predominância de estudos com método quantitativo (n=22). Em relação aos participantes, a maior parte (n=21) incluiu ambos os pais. Destaca-se que os instrumentos de avaliação utilizados para mensurar as variáveis apresentaram alta heterogeneidade, não sendo possível destacar algum que se sobressaísse na avaliação das variáveis.

Para análise dos resultados das pesquisas, baseando-se na análise temática, definiu-se seis temas que serão discutidos a seguir: Parentalidade, coparentalidade e qualidade conjugal; Qualidade conjugal: repercussões na coparentalidade e parentalidade; Coparentalidade e parentalidade: repercussões na qualidade conjugal; Qualidade conjugal, parentalidade e coparentalidade: repercussões nos sintomas das crianças; Sintomas das crianças e suas repercussões na qualidade conjugal, parentalidade e coparentalidade, e Influências recíprocas entre

conjugalidade, parentalidade, coparentalidade e sintomas das crianças.

Análise e Discussão dos Resultados dos Estudos

Qualidade Conjugal: Repercussões na Coparentalidade e Parentalidade

Os artigos que fazem parte desta categoria são seis estudos quantitativos, sendo quatro longitudinais (Cava-Tadik et al., 2020; Christopher et al., 2015; Zemp et al., 2017), um longitudinal baseado em uma intervenção (Epstein et al., 2015) e dois transversais (Chen et al., 2017; Young et al., 2017). Os artigos dessa categoria focam no estudo das repercussões da conjugalidade no exercício da coparentalidade e parentalidade. Apesar da homogeneidade em relação a esse objetivo, identificou-se uma heterogeneidade nas variáveis avaliadas nos artigos, como: apego, comunicação, qualidade do casamento, satisfação física do casal, envolvimento nas tarefas com filhos e tarefas domésticas, e vínculos diretos e indiretos. Kolak e Volling (2007) trazem em suas pesquisas, que

o apego positivo entre os cônjuges pode prever uma coparentalidade cooperativa.

Neste sentido, o matrimônio em que o amor e apoio são reconhecidos influenciam positivamente na coparentalidade (Schoppe-Sullivan et al., 2004). Isso vai ao encontro dos resultados das pesquisas de Chen et al. (2017), Young et al. (2017) e Zemp et al. (2017), que casais com apego seguro em seus relacionamentos e que partilhavam ideias em comum, tendem a ter menos conflitos em relação a coparentalidade, mas que esta relação positiva se dá por intermédio prioritário das mães que se perceberam cooperando com seus cônjuges quando há níveis elevados de envolvimento do pai em atividades domésticas e envolvimento na educação dos filhos.

Quando os casais se tornam pai e mãe, necessitam desenvolver uma “aliança coparental”, que diz respeito a uma ampliação e funcionamento da díade, como parceiros ou oponentes, no novo papel estabelecido: o de pais. Os estudos de Christopher et al. (2015) e Epstein et al. (2015), os autores mostraram que os homens referem um maior declínio na qualidade e satisfação conjugal em comparação às mulheres e isso pode acabar impactando em uma coparentalidade não cooperativa, como o não envolvimento na educação da prole e na realização das tarefas domésticas.

Corroborando com esses achados, a pesquisa feita por Cava-Tadik et al. (2020), apresenta o quanto a satisfação física do casal repercute na conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. Os resultados apontam que quando o pai ou a mãe referem satisfação física no relacionamento conjugal anterior ao nascimento do filho há maior cooperação no papel coparental, após o nascimento. Assim, a variável satisfação sexual se mostra importante para o relacionamento conjugal e para o exercício coparental, visto que quando o casal está satisfeito a probabilidade da coparentalidade ser bem-sucedida é maior (Doherty et al., 2006; Florsheim et al., 2012; Heiman et al., 2011; Kuersten-Hogan, 2017).

Diante desses resultados percebe-se a complexidade do sistema familiar (Epstein et al.,

2015). Evidenciou-se, a partir dos estudos dessa categoria, que a satisfação na conjugalidade pode reverberar nos subsistemas coparental e parental. Isso vai ao encontro do que é mencionado na literatura (Goetz et al., 2019; Hartley et al., 2018; Mosmann et al., 2018), em que se percebe que a utilização de estratégias construtivas diante de conflitos, por parte do casal, pode repercutir em um ambiente positivo e exercício assertivo no papel parental e coparental.

Coparentalidade e Parentalidade: Repercussões na Qualidade Conjugal

Nesta categoria foi selecionado um artigo quantitativo transversal, que buscou examinar as relações e acordos entre os pais sobre os filhos como mediadoras da comunicação coparental e a qualidade da relação conjugal (Schrodt & Afifi, 2019). Os resultados mostraram que o exercício parental e a coparentalidade em casais divorciados decorre, em parte, de como ocorreu o término do relacionamento conjugal.

Assim, em casais divorciados, se o desfecho foi conturbado e desgastante para o casal, isso pode repercutir em uma baixa qualidade da comunicação coparental, dificultando, então, os acordos em relação aos filhos e o exercício ativo como pai e mãe. Entretanto, quando os casais divorciados conseguem compartilhar os seus sentimentos em relação às frustrações e o fim do casamento com seus ex-parceiros pode favorecer uma comunicação mais assertiva. Já em relação aos casais não divorciados, os dados mostraram que as mães têm mais facilidade em compartilhar frustrações e preocupações sobre o filho, surgindo assim um sentimento de cooperação e apoio coparental e aumentando a comunicação entre o casal.

Corroborando esse estudo mencionado nessa categoria, a literatura apresenta investigações da relação entre o exercício da coparentalidade e a qualidade da relação conjugal (Prati & Koller, 2011). Na percepção das mulheres casadas com filhos, por exemplo, o acordo entre os pais em relação à criança pode ser visto como um gesto de compromisso, repercutindo positivamente

na conjugalidade (Galovan et al., 2014). Isso também é percebido na relação física entre o casal. Pesquisas referem que quando o pai passa a assumir os cuidados dos filhos, há uma menor atração física pelas mulheres, já as esposas têm um aumento da atração, ao perceberem em seus parceiros um pai presente emocional e fisicamente com os filhos (Carlson et al., 2016; McHale et al., 2015). Esses achados representam uma relação de extrema importância entre coparentalidade, qualidade conjugal e a intimidade entre os cônjuges (Carlson et al., 2016). Esses estudos apoiam que quanto maior a aliança entre os pais e o estabelecimento de acordos entre eles no exercício coparental, melhor será a qualidade conjugal.

Parentalidade, Coparentalidade e Qualidade Conjugal

Nesta categoria estão agrupados oito artigos, sendo quatro estudos quantitativos longitudinais (Favez et al., 2016; Jessee et al., 2018; Latham et al., 2019; Richardson & Futris, 2019), um estudo longitudinal seguido de coorte (Williams et al., 2015), um estudo de coorte (Berryhill, 2017), um estudo qualitativo exploratório (Mollborn & Jacobs, 2015) e um estudo qualitativo longitudinal (Valdez & Martinez, 2019). Há consistência de estudos na literatura que apontam relações entre diferentes subsistemas familiares (Goetz et al., 2019; Hartley et al., 2018; Mosmann et al., 2018). Diferentemente das categorias anteriores, destaca-se que os artigos incluídos nessa categoria apresentam uma bidirecionalidade entre os subsistemas parental, coparental e conjugal, incluindo variáveis como o estresse parental, sintomas depressivos, o impacto de dificuldades econômicas no núcleo familiar, a influência do senso de competência e das crenças sobre os papéis parentais das mães e pais, dentre outros aspectos da dinâmica familiar.

Os efeitos da coparentalidade e da parentalidade dentro do núcleo familiar sofrem mutações de acordo com o ciclo vital da família. O período de transição dos filhos para a escola formal é um exemplo de um momento de tensão familiar que pode ser mitigado pelo estabelecimento e manu-

tenção de relações de apoio entre a dupla coparental, a fim de manter em alta qualidade suas funções coparentais. Por conseguinte, tal exercício tem ainda significativo impacto na promoção de uma maior qualidade no relacionamento conjugal (Latham et al., 2019).

A presença de tensão e de estressores nos sistemas familiares pode impactar na percepção sobre a qualidade do relacionamento conjugal e coparental. Esse aspecto foi percebido no artigo de Richardson e Futris (2019), que evidenciaram que as percepções dos maridos quanto à relação conjugal mediam a relação entre o estresse parental de ambos, maridos e esposas e a qualidade do relacionamento de coparentalidade apenas dos maridos.

A variável depressão materna, pesquisada no estudo de Valdez e Martinez (2019), também pode ser considerada como um fator estressor. A partir de uma intervenção familiar com o objetivo de acompanhar as mães e atender às necessidades da família, foram abordadas questões sobre a experiência dos pais no entendimento e manejo com os sintomas depressivos das mães, resolução de problemas e temáticas para nutrir experiências familiares, conjugais e coparentais mais saudáveis. Os resultados de entrevistas com os pais apontam o quanto a sintomatologia depressiva pode refletir negativamente no exercício da coparentalidade e, muitas vezes, na convivência entre o casal e, assim, prejudicando o bem-estar emocional da família.

O funcionamento dos subsistemas familiares também é influenciado pela capacidade reflexiva dos membros do sistema, ou seja, com o aumento da capacidade reflexiva as esposas foram capazes de refletir mais sobre suas primeiras experiências com os pais, estando mais envolvidas em interações conjugais positivas e de apoio e menos conflituosas e destrutivas (Jessee et al., 2018). Ainda sobre a forma de funcionar da família, o estudo de Favez et al. (2016) identificou que há divergências entre o exercício coparental de pais e mães sendo o senso de competência das mães positivamente relacionado ao apoio coparental, principalmente aos três meses de vida do filho. Já para os pais o senso de competência está

relacionado negativamente ao apoio, principalmente aos dezoito meses.

Além dos fatores oriundos ou mais próximos da dinâmica familiar, variáveis externas ao núcleo familiar também são descritas enquanto fenômenos que movimentam os subsistemas familiares. Nos estudos conduzidos por Berryhill (2017) e Williams et al. (2015), identificou-se que, frente a dificuldades econômicas, as mães tendem a achar que seus parceiros são mais difíceis, o que se expressa em menor envolvimento em seu relacionamento com o pai das crianças. Tais resultados indicam, com consistência, que as dificuldades econômicas influenciam na presença de sintomas depressivos, estresse parental e coparental. Hipotetiza-se que o fortalecimento de circunstâncias econômicas dos casais pode ser valioso para interações mais positivas dentro dos relacionamentos íntimos e, assim, levar a relações mais estáveis.

Nesta mesma direção compreender aspectos sócio-culturais e suas influências sobre os fenômenos como a coparentalidade se mostra como um importante desafio. Dito isso, o estudo realizado por Mollborn e Jacobs (2015) traz luz à coparentalidade exercida por pais jovens, evidenciando a importância das relações coparentais e do relacionamento familiar para o exercício da coparentalidade de pais na adolescência. Segundo Florsheim et al. (2003), pais que tinham um relacionamento forte com seus parceiros adolescentes durante a gravidez conseguiam exercer melhor a parentalidade mais tarde, ainda que o relacionamento tivesse terminado. Enquanto na posição inversa, problemas de relacionamento com o parceiro aumentam o estresse de mães jovens na criação de filhos. O que por conseguinte resulta em um impacto na criação e no desenvolvimento da criança.

Qualidade Conjugal, Parentalidade e Coparentalidade: Repercussões nos Sintomas das Crianças

Essa categoria inclui seis artigos que exploraram a repercussão de variáveis conjugais, coparentais e parentais na sintomatologia das crianças. Em relação ao método, cinco deles são

quantitativos, sendo três transversais (Hosokawa & Katsura, 2017; Stroud et al., 2015; Thomassin et al., 2017) e dois longitudinais (Gallegos et al., 2017; Latham et al., 2017). Um artigo (Souza & Crepaldi, 2019) apresenta delineamento qualitativo, em que foram realizadas entrevistas com mães de crianças com sintomatologia clínica. Nessa categoria foi identificado alguns artigos direcionados exclusivamente para pesquisas com mães (Hosokawa & Katsura, 2017; Souza & Crepaldi, 2019) e outros com casais ou famílias (Gallegos, et al., 2017; Latham, et al., 2017; Stroud et al., 2015; Thomassin et al., 2017). A participação exclusiva das mães pode ser explicada por questões culturais referidas na categoria acima. Destaca-se a importância da participação da família e de ambos pais para ser possível realizar uma avaliação sistêmica do ambiente familiar e das percepções sobre si e os outros. Assim, nessa categoria foi possível encontrar um maior número de artigos que consideraram diferentes perspectivas para avaliar o sistema.

No que diz respeito às temáticas abordadas nos artigos, foi percebido o foco nos conflitos conjugais, práticas parentais, percepção da coparentalidade, retração emocional parental e coparentalidade reverberando na prole. Já é discutido na literatura que o uso de práticas parentais negativas pode agir como fator de risco ao desenvolvimento infantil (Gershoff & Grogan-Kaylor, 2016; Pinquart, 2016). Dois artigos dessa categoria (Hosokawa & Katsura, 2017; Souza & Crepaldi, 2019) reforçam esses achados apontando associações positivas entre as estratégias negativas utilizadas pelos pais e sintomas emocionais e comportamentais nas crianças, assim como correlação negativa entre bom relacionamento entre mãe-filho e sintomas de hiperatividade e dificuldades emocionais.

Apenas três estudos (Gallegos et al., 2017; Hosokawa & Katsura, 2017; Stroud et al., 2015) citam e discutem o conceito de *Spillover*, representando os efeitos e transbordamento do clima emocional das relações conjugais na parentalidade. De acordo com essa perspectiva, a qualidade da conjugalidade tem impacto no subsistema parental podendo trazer também consequências

negativas para os filhos (Mosmann et al., 2011; Stroud et al., 2015).

Já o artigo de Hosokawa e Katsura (2017) refere que as práticas positivas utilizadas pelos pais para educar as crianças podem agir como fatores que medeiam a relação entre resolução construtiva de conflito e pontuações altas de auto controle e cooperação nas crianças. Também pontuam a presença de conflito conjugal associada às práticas negativas e baixo auto controle nos filhos. Da mesma forma ocorre no artigo de Gallegos et al. (2017) em que o conflito do casal se mostrou associado com retraimento emocional dos pais e de maneira negativa se associou com a presença de regulação emocional nas crianças.

No que diz respeito às temáticas abordadas nos artigos, foi percebido o foco nos conflitos conjugais, práticas parentais, percepção da coparentalidade, retração emocional parental e coparentalidade reverberando na prole

Apesar dos estudos mencionados avaliarem diferentes variáveis como conflito, práticas parentais, dimensões de coparentalidade, é necessário considerar outras variáveis que permeiam a relação entre os subsistemas conjugal, parental e coparental. Assim, fatores como idade, gênero, características da personalidade e sintomas de ansiedade, depressão e estresse precisam ser levados em consideração para compreender de maneira ampla e sistêmica a interdependência dessas variáveis na família (Le et al., 2016; Rollé et al., 2017).

Sintomas das Crianças e suas Repercussões na Qualidade Conjugal, Parentalidade e Coparentalidade

Os dois artigos que fazem parte dessa categoria compreendem os fenômenos a partir da influência dos sintomas das crianças em três esferas: coparentalidade, parentalidade e conjugalidade. As temáticas abordadas foram diferentes: um deles pautou-se no diagnóstico de TDAH (Williamson & Johnston, 2016) e outro no Transtorno do Espectro Autista (Chan & Leung, 2020). Em relação ao método, as duas pesquisas que compõem os artigos foram

experimentais, quantitativas e transversais com população clínica.

Destaca-se que a sintomatologia das crianças no estudo de Williamson e Johnston (2016) foi avaliada pelas mães ou outro informante, sendo a maioria o professor. Já no artigo de Chan e Leung (2020) tanto pai quanto mãe avaliaram, sendo que as participantes classificadas como mães tiveram maior frequência no estudo. A literatura indica a presença da mãe como frequente na participação ou avaliações de pesquisas (Deluca et al., 2018; Heinen et al., 2020; Ringoot et al., 2015). Entretanto, conforme destacado nas sugestões para futuros estudos em ambos artigos, percebe-se a necessidade de outros informantes, para ser possível alcançar diferentes aprofundamentos dos conhecimentos em relação à criança identificada (Heinen et al., 2020).

Os dois estudos avaliaram as associações das variáveis relativas às crianças com fatores familiares, tais como aliança, conflito, estresse e satisfação conjugal e coparental. Todavia, salienta-se que não se pode assumir que a presença de um sintoma ou diagnóstico na criança implique diretamente em dificuldades relacionais da díade, sendo o contrário também verdadeiro. Assim, os achados do artigo corroboram outras pesquisas indicando que o ajustamento dos filhos poderá interferir e sofrer interferências pelas dinâmicas da família (Mosmann et al., 2017; Peltz et al., 2016; Wagner & Mosmann, 2012; Wymbs et al., 2008).

Ao encontro dessa afirmação, um estudo identificou maior propensão ao divórcio em uma amostra de 282 pais de jovens diagnosticados com TDAH, se comparados aos 206 pais de crianças sem diagnóstico. Os dados dessa pesquisa destacam e reforçam os achados dos artigos dessa temática, no que diz respeito à necessidade de atentar para as variáveis dos filhos, as quais podem apresentar uma influência na relação conjugal (Wymbs et al., 2008).

Percebe-se que os comportamentos das crianças podem agir como fatores de risco ou proteção, se associando com aspectos da conjugalidade e parentalidade. Assim, pode-se encon-

trar reverberações positivas ou comprometimentos da sintomatologia da criança nas relações conjugal e parental, corroborando a literatura da área (Chan & Leung, 2020; Mosmann et al., 2017).

Apesar de reconhecidas essas associações, no presente artigo foi encontrado maior número de estudos analisando a direção contrária, ou seja, a qualidade conjugal e coparentalidade refletindo nos sintomas das crianças. Isso pode ser compreendido pela complexa teia de relações entre os subsistemas da conjugalidade, parentalidade e coparentalidade e a necessidade de analisar as variáveis envolvidas nessas interações e possíveis reflexos no desenvolvimento e relação com a prole (Morrill et al., 2010), assim como pela dificuldade metodológica de avaliar a recursividade na interação entre as variáveis, como pode-se perceber na categoria seguinte.

Influências Recíprocas entre Conjugalidade, Parentalidade, Coparentalidade e Sintomas das Crianças

Um artigo compõe essa categoria e não refere apenas uma direção da influência entre variáveis da criança e às relacionadas aos pais ou casal, por esse motivo compreende-se que aborda as influências recíprocas entre problemas da criança e variáveis familiares. A temática abordada referente às crianças são os problemas de sono. O estudo avalia e apresenta as associações recíprocas entre os subsistemas marital e coparental e as dificuldades no sono das crianças. Um destaque para esse artigo é a metodologia longitudinal, em que foram avaliadas famílias em quatro momentos ao longo do tempo (2, 4, 6 e 8 meses após a primeira avaliação). Esse acompanhamento longitudinal auxiliou na mensuração de manutenção dos resultados com o passar do tempo, analisando como o sono infantil se interliga ao funcionamento familiar.

Na mesma direção do objetivo de Peltz et al (2016), um estudo de revisão teve como objetivo investigar os resultados empíricos das relações bidirecionais da ansiedade dos pais e da criança com a coparentalidade. Identificou-

-se evidências de associação negativa entre a ansiedade dos pais e a relação coparental, assim como o funcionamento coparental e conjugal relacionando-se com a ansiedade do adulto. Sobre a ansiedade infantil, percebeu-se que afeta negativamente a relação da coparentalidade, assim como dificuldades no subsistema coparental associa-se a níveis mais elevados de ansiedade infantil (Majdandžić et al., 2012).

A consideração da reciprocidade dos subsistemas coparental e conjugal e variáveis relativas às crianças pode ser considerada um diferencial, sendo uma forma ampla de analisar as reverberações do funcionamento familiar. Além disso, como visto nos demais artigos das categorias anteriores, há a indicação de analisar a bidirecionalidade dos fenômenos para uma compreensão sistêmica e planejamento de intervenções (Peltz et al., 2016; Stroud et al., 2015).

Pesquisas que avaliam o funcionamento familiar nos diferentes subsistemas são fundamentais, para identificar focos a serem trabalhados a partir de cada sintoma. Dessa forma, será possível orientar a execução de intervenções de modo preventivo ou para tratamento de famílias disfuncionais, incluindo todo o sistema familiar (Latham et al., 2017; Mosmann et al., 2018; Souza & Crepaldi, 2019; Stroud et al., 2015).

Considerações Finais

A presente revisão sistemática teve por objetivo compreender como a relação entre os subsistemas conjugal, parental e coparental em famílias com crianças tem sido abordada na literatura científica em famílias com crianças. Embora alguns dos artigos incluídos nessa revisão não demonstrem uma direção específica de análise entre esses subsistemas, na maior parte foram identificadas as direções avaliadas pelos estudos científicos entre os subsistemas coparental, parental e conjugal.

Apesar de resultados promissores e importantes para a área clínica, esse estudo apresenta limitações. Uma delas diz respeito à especificação de incluir apenas estudos

publicados no formato de artigos científicos, excluindo, assim, capítulos de livros, resumos publicados em anais e dissertações e teses que também poderiam abordar resultados de pesquisas empíricas sobre a relação entre os subsistemas. Também foi considerado como um ponto limitante a escolha por ler na íntegra somente artigos nos idiomas português, inglês e espanhol. Apesar dessas limitações, esse estudo contribui com a literatura científica ao abordar estudos recentes sobre os subsistemas da família, em uma perspectiva sistêmica.

Ante ao exposto, compreende-se que é de alta relevância novas pesquisas nesta área especialmente no âmbito nacional, devido à constatação, nessa revisão, do baixo número de publicações no Brasil, em comparação à literatura internacional. Além disso, sugere-se que novos estudos sejam feitos para avaliar o impacto das variáveis individuais de cada um cônjuge no sistema conjugal e no exercício da parentalidade e coparentalidade, assim como medir como essas variáveis podem agir como mediadoras da relação que se estabelece entre os subsistemas conjugal, parental e coparental.

Tendo em vista a ocorrência da pandemia COVID-19 e as repercussões no funcionamento familiar (Fontanesi et al., 2020), acredita-se também que seja necessário avaliar os impactos e desafios percebidos pelos pais no período de pandemia COVID-19 na conjugalidade, parentalidade, coparentalidade e ajustamento dos filhos. Por fim, diante do artigo em questão pode-se elaborar intervenções clínicas a partir da ampliação da compreensão das demandas de famílias com crianças que tendem a estar associadas à conjugalidade, parentalidade e coparentalidade, na medida em que influenciam e são influenciadas pela sintomatologia infantil.

Contribuição dos autores

Marina Heinen: busca de artigos, análise dos artigos e definição de artigos incluídos, escrita do artigo, revisão do artigo.

Clarisse Pereira Mosmann: escrita do artigo, revisão do artigo.

Daiana Quadros Fidelis: busca de artigos, análise dos artigos e definição de artigos incluídos, escrita do artigo, revisão do artigo.

Denise Falcke: escrita do artigo, revisão do artigo.

Jeferson Rodrigo Schaefer: escrita do artigo.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

Referências

- Berryhill, M. B. (2017). Coparenting and parental school involvement. *Child & Youth Care Forum*, 46(2), 261-283. <https://doi.org/10.1007/s10566-016-9384-8>
- Böing, E., & Crepaldi, M. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, (59), 17-33. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Carlson, D. L., Miller, A. J., Sassler, S., & Hanson, S. (2016). The gendered division of housework and couples' sexual relationships: A reexamination. *Journal of Marriage and Family*, 78(4), 975-995. <https://doi.org/10.1111/jomf.12313>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed., M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas.
- Cava-Tadik, Y., Brown, G. L., & Mangelsdorf, S. C. (2020). Fathers' satisfaction with physical affection before and after the birth of a new baby: Cross-parent effects and associations with family dynamics. *Journal of Family Issues*, 41(4), 415-436. <https://doi.org/10.1177/0192513X19875779>
- Chan, K. K. S., & Leung, D. C. K. (2020). The impact of child autistic symptoms on parental marital relationship: Parenting and coparenting processes as mediating mechanisms. *Autism*

- Research*, 13(9), 1516-1526. <https://doi.org/10.1002/aur.2297>
- Chen, H. H., Liang, Y. C., Gapp, S. C., Newland, L. A., Giger, J. T., & Lin, C. Y. (2017). Direct and indirect links between the couple relationship and child school outcomes. *The Journal of Experimental Education*, 85(4), 658-673. <https://doi.org/10.1080/00220973.2017.1279115>
- Christopher, C., Umemura, T., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital quality over the transition to parenthood as a predictor of coparenting. *Journal of Child and Family Studies*, 24(12), 3636-3651. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0172-0>
- Deluca, V., Antoniutti, C. B. P., Boff, N., Landenberger, T., de Lima Argimon, I. I., & da Silva Oliveira, M. (2018). A presença de sintomas psicopatológicos em crianças e responsáveis que procuram psicoterapia infantil. *Aletheia*, 51(1 e 2). <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/aletheia/article/view/4905/3259>
- Doherty, W. J., Erickson, M. F., & LaRossa, R. (2006). An intervention to increase father involvement and skills with infants during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 20(3), 438. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.3.438>
- Epstein, K., Pruet, M. K., Cowan, P., Cowan, C., Pradhan, L., Mah, E., & Pruet, K. (2015). More than one way to get there: Pathways of change in coparenting conflict after a preventive intervention. *Family Process*, 54(4), 610-618. <https://doi.org/10.1111/famp.12138>
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108-132. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.118.1.108>
- Favez, N., Tissot, H., Frascarolo, F., Stiefel, F., & Despland, J. N. (2016). Sense of competence and beliefs about parental roles in mothers and fathers as predictors of coparenting and child engagement in mother-father-infant triadic interactions. *Infant and Child Development*, 25(4), 283-301. <https://doi.org/10.1002/icd.1934>
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2011). A parentalidade nas múltiplas configurações familiares contemporâneas. In L. V. C. Moreira & E. P. Rabinovich (Orgs.), *Família e parentalidade: Olhares da Psicologia e da História* (pp. 117-134). Juruá.
- Florsheim, P., Burrow-Sánchez, J. J., Minami, T., McArthur, L., Heavin, S., & Hudak, C. (2012). Young parenthood program: Supporting positive paternal engagement through coparenting counseling. *American Journal of Public Health*, 102(10), 1886-1892. <https://ajph.aphapublications.org/doi/abs/10.2105/AJPH.2012.300902>
- Florsheim, P., Sumida, E., McCann, C., Winstanley, M., Fukui, R., Seefeldt, T., & Moore, D. (2003). The transition to parenthood among young African American and Latino couples: Relational predictors of risk for parental dysfunction. *Journal of Family Psychology*, 17(1), 65. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.17.1.65>
- Fontanesi, L., Marchetti, D., Mazza, C., Giandomenico, S. D., Roma, P., & Verrocchio, M. C. (2020). The effect of the COVID-19 lockdown on parents: A call to adopt urgent measures. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12(S1), 79-81. <https://doi.org/10.1037/tra0000672>
- Gallegos, M. I., Murphy, S. E., Benner, A. D., Jacobvitz, D. B., & Hazen, N. L. (2017). Marital, parental, and whole-family predictors of toddlers' emotion regulation: The role of parental emotional withdrawal. *Journal of Family Psychology*, 31(3), 294. <https://doi.org/10.1037/fam0000245>
- Galovan, A., Holmes, E., Schramm, D., & Lee, T. (2014). Father involvement, father-child relationship quality and satisfaction with family work: Actor and partner influences on marital quality. *Journal of Family Issues*, 35, 1846-1867. <http://dx.doi.org/10.1177/0192513x13479948>
- Gershoff, E. T., & Grogan-Kaylor, A. (2016). Spanking and child outcomes: Old controversies and new meta-analyses. *Journal of Family Psychology*, 30(4), 453. <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000191>
- Goetz, G. L., Rodriguez, G., & Hartley, S. L. (2019). Actor-partner examination of daily parenting stress and couple interactions in the context of child autism. *Journal of Family Psychology*,

- 33(5), 554-564. <https://doi.org/10.1037/fam0000527>
- Hameister, B. R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: Uma revisão sistemática do efeito *spillover*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140-155. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200011&lng=pt&tlng=pt
- Hartley, S. L., Papp, L. M., & Bolt, D. (2018). Spillover of marital interactions and parenting stress in families of children with autism spectrum disorder. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 47(Suppl. 1), S88-S99. <https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1152552>
- Heiman, J. R., Long, J. S., Smith, S. N., Fisher, W. A., Sand, M. S., & Rosen, R. C. (2011). Sexual satisfaction and relationship happiness in midlife and older couples in five countries. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 741-753. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9703-3>
- Heinen, M., Sartoretto, C. R., & Oliveira, M. D. S. (2020). Associação de sintomas psicopatológicos entre crianças e responsáveis. *Contextos Clínicos*, 13(1), 86-104. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.05>
- Hosokawa, R., & Katsura, T. (2017). Marital relationship, parenting practices, and social skills development in preschool children. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 11(1), 1-8. <https://doi.org/10.1186/s13034-016-0139-y>
- Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Wong, M. S., Schoppe-Sullivan, S. J., Shigeto, A., & Brown, G. L. (2018). The role of reflective functioning in predicting marital and coparenting quality. *Journal of Child and Family Studies*, 27(1), 187-197. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0874-6>
- Kolak, A. M., & Volling, B. L. (2007). Parental expressiveness as a moderator of coparenting and marital relationship quality. *Family Relations*, 56(5), 467-478. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2007.00474.x>
- Kuersten-Hogan, R. (2017). Bridging the gap across the transition to coparent- hood: Triadic interactions and coparenting representations from pregnancy through 12 months postpartum. *Frontiers in Psychology*, 8, 475. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00475>
- Latham, R. M., Mark, K. M., & Oliver, B. R. (2017). A harsh parenting team? Maternal reports of coparenting and coercive parenting interact in association with children's disruptive behaviour. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58(5), 603-611. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12665>
- Latham, R. M., Mark, K. M., & Oliver, B. R. (2019). Mothers' and fathers' perceptions of marital relationships and coparenting twins during school transition. *Journal of Family Studies*, 1-18. <https://doi.org/10.1080/13229400.2019.1667411>
- Le, Y., McDaniel, B. T., Leavitt, C. E., & Feinberg, M. E. (2016). Longitudinal associations between relationship quality and coparenting across the transition to parenthood: A dyadic perspective. *Journal of Family Psychology*, 30(8), 918. <https://doi.org/10.1037/fam0000217>
- Majdandžić, M., de Vente, W., Feinberg, M. E., Aktar, E., & Bögels, S. M. (2012). Bidirectional associations between coparenting relations and family member anxiety: A review and conceptual model. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15(1), 28-42. <https://doi.org/10.1007/s10567-011-0103-6>
- McHale, J. P., Salman-Engin, S., & Covert, M. D. (2015). Improvements in unmarried African American parents' rapport, communication, and problem-solving following a prenatal coparenting intervention. *Family Process*, 54(4), 619-629. <https://doi.org/10.1111/famp.12147>
- Minuchin, S. (1990). *Família: Funcionamento e tratamento*. Artes Médicas.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Prisma Group. (2009, September 01). Reprint— Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *Physical Therapy*, 89(9), 873-880. <https://doi.org/10.1093/ptj/89.9.873> (Reprinted from *Annals of Internal Medicine*, 2009, 18 August, <https://doi.org/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135>)
- Mollborn, S., & Jacobs, J. (2015). "I'll be there for you": Teen parents' coparenting relationships. *Journal of Marriage and Family*, 77(2), 373-387. <https://doi.org/10.1111/jomf.12175>
- Morrill, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Cordova, J. V. (2010). Pathways between

- marriage and parenting for wives and husbands: The role of coparenting. *Family Process*, 49(1), 59-73. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x>
- Mosmann, C. P., Costa, C. B., Einsfeld, P., Silva, A. G. M., & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34, 487-498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5493567>
- Mosmann, C., Costa, C. B. D., Silva, A. G. M. D., & Luz, S. K. (2018). Filhos com sintomas psicológicos clínicos: Papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. *Trends in Psychology*, 26, 429-442. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-17Pt>
- Murphy, S. E., Jacobvitz, D. B., & Hazen, N. L. (2016). What's so bad about competitive coparenting? Family-level predictors of children's externalizing symptoms. *Journal of Child and Family Studies*, 25(5), 1684-1690. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0321-5>
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: Perspectiva da psicologia positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103-118. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652011000100007>
- Peltz, J. S., Rogge, R. D., Sturge-Apple, M. L., O'Connor, T. G., & Pigeon, W. R. (2016). Reciprocal influences among family processes and toddlers' sleep problems. *Journal of Family Psychology*, 30(6), 720. <https://doi.org/10.1037/fam0000202>
- Pinquart, M. (2016). Associations of parenting styles and dimensions with academic achievement in children and adolescents: A meta-analysis. *Educational Psychology Review*, 28(3), 475-493. <https://doi.org/10.1007/s10648-015-9338-y>
- Richardson, E. W., & Futris, T. G. (2019). Foster caregivers' marital and coparenting relationship experiences: A dyadic perspective. *Family Relations*, 68(2), 185-196. <https://doi.org/10.1111/fare.12354>
- Ringoot, A. P., Tiemeier, H., Jaddoe, V. W., So, P., Hofman, A., Verhulst, F. C., & Jansen, P. W. (2015). Parental depression and child well-being: Young children's self-reports helped addressing biases in parent reports. *Journal of Clinical Epidemiology*, 68(8), 928-938. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2015.03.009>
- Rollè, L., Prino, L. E., Sechi, C., Vismara, L., Neri, E., Polizzi, C., Trovato, A., Volpi, B., Molgora, S., Fenaroli, V., Ierardi, E., Ferro, V., Lucarelli, L., Agostini, F., Tambelli, R., Saita, E., Crugnola, C. R., & Brustia, P. (2017). Parenting stress, mental health, dyadic adjustment: A structural equation model. *Frontiers in Psychology*, 8, 839. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00839>
- Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early coparenting behavior at the transition to parenthood. *Social Development*, 22(2), 363-383. <https://doi.org/10.1111/sode.12014>
- Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Frosch, C. A., & McHale, J. L. (2004). Associations between coparenting and marital behavior from infancy to the preschool years. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 194. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.194>
- Schrodt, P., & Afifi, T. D. (2019). Venting to unify the front: Parents' negative relational disclosures about their children as mediators of coparental communication and relational quality. *Journal of Family Communication*, 19(1), 47-62. <https://doi.org/10.1080/15267431.2018.1531006>
- Silva, I. M., & Lopes, R. C. S. (2012). As relações entre o sistema conjugal e parental durante a transição para a parentalidade. *Pensando Famílias*, 16(1), 69-90. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-740756>
- Souza, J. D., & Crepaldi, M. A. (2019). Emotional and behavioral problems of children: Association between family functioning, coparenting and marital relationship. *Acta Colombiana de Psicología*, 22(1), 82-94. <https://doi.org/10.14718/acp.2019.22.1.5>
- Stroud, C. B., Meyers, K. M., Wilson, S., & Durbin, C. E. (2015). Marital quality spillover and young children's adjustment: Evidence for dyadic and triadic parenting as mechanisms. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology: The Official Journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53*, 44(5),

- 800–813. <https://doi.org/10.1080/15374416.2014.900720>
- Teves, C. M. (2008). *Uma viagem entre satisfação e proximidade conjugais e aliança parental* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. <https://core.ac.uk/download/pdf/12421078.pdf>
- Thomassin, K., Suveg, C., Davis, M., Lavner, J. A., & Beach, S. R. (2017). Coparental affect, children's emotion dysregulation, and parent and child depressive symptoms. *Family Process, 56*(1), 126-140. <https://doi.org/10.1111/famp.12184>
- Tissot, D. W., & Falcke, D. (2017). A conjugalidade nas diferentes etapas do ciclo vital familiar. *Quaderns de Psicologia, 19*(3), 265-276. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1399>
- Valdez, C. R., & Martinez, E. (2019). Mexican immigrant fathers' recognition of and coping with maternal depression: The influence of meaning-making on marital and co-parenting roles among men participating in a family intervention. *Journal of Latinx Psychology, 7*(4), 304. <https://doi.org/10.1037/lat0000132>
- Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2012). Intervenção na conjugalidade: Estratégias de resolução de conflitos conjugais. In M. N. Baptista & M. L. M. Teodoro (Orgs.), *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenção* (pp. 240-248). Artmed.
- Williams, D. T., Cheadle, J. E., & Goosby, B. J. (2015). Hard times and heart break: Linking economic hardship and relationship distress. *Journal of Family Issues, 36*(7), 924-950. <https://doi.org/10.1177/0192513X13501666>
- Williamson, D., & Johnston, C. (2016). Marital and coparenting relationships: Associations with parent and child symptoms of ADHD. *Journal of Attention Disorders, 20*(8), 684-694. <https://doi.org/10.1177/1087054712471717>
- Wymbs, B. T., Pelham, W. E., Jr, Molina, B. S., Gnagy, E. M., Wilson, T. K., & Greenhouse, J. B. (2008). Rate and predictors of divorce among parents of youths with ADHD. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 76*(5), 735–744. <https://doi.org/10.1037/a0012719>
- Young, M., Riggs, S., & Kaminski, P. (2017). Role of marital adjustment in associations between romantic attachment and coparenting. *Family Relations, 66*(2), 331-345. <https://doi.org/10.1111/fare.12245>
- Zemp, M., Milek, A., Cummings, E. M., & Bodenmann, G. (2017). Longitudinal interrelations between dyadic coping and coparenting conflict in couples. *Journal of Child and Family Studies, 26*(8), 2276-2290. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0742-4>

Recebido: 28/03/2022

1ª revisão: 12/07/2022

Aceite final: 03/08/2022



© O(s) autor(es), 2022. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.